

Um soldado condecorado

Francisco José Dentinho era filho de José António Dentinho e Maria do Carmo. Nasceu em Olhão a 28 de Fevereiro de 1895.

De acordo com o Boletim Individual do Corpo Expedicionário Português¹, assentou praça em 15 de Maio de 1916. Embarcou em Lisboa em 18 de Julho de 1917. Foi promovido a alferes em 23 de julho do mesmo ano. Esteve integrado na Unidade Territorial de Infantaria 32, com a mesma patente.

Baixou ao hospital em 27 de julho de 1917. Teve alta em 7 de agosto.

Foi colocado no Batalhão de Infantaria n.º 15 em 29 de agosto de 1917.

Baixou ao hospital em 7 de setembro por desastre ocorrido no mesmo dia. Teve alta em 15 do mesmo mês.

Nas condecorações e louvores do citado Boletim lê-se *Louvado porque nos combates de 9 e 11 de Abril de 1918 manifestou muita dedicação e sangue frio e tendo recebido ordem para efectuar a retirada com a sua companhia da linha de fogo, depois desta ter desfilado, de novo voltou àquela linha, da qual já estava afastado cerca de 400 metros, armado duma espingarda e acompanhado de um praça, quando os ingleses anunciavam que o inimigo avançava, revelando uma coragem e valor excepcionais* (O. Do CGC do CCE, n.º 144 de 29 de maio de 1918).

Em licença de campanha por 53 dias desde 31 de julho de 1918.

Em campanha em setembro de 1919.

Condecorações recebidas:

Cruz de Guerra de segunda classe e Diploma

Medalha da Vitória

Medalha comemorativa da campanha França 1917-1918

Medalha militar de bons serviços

Mérito Militar: banda, medalha e placa

¹ Boletins individuais de militares do CEP, Código de referência PT/AHM/DIV/1/35A/1/05/1284, Título: Francisco José Dentinho. [Em linha]. [Consult. 20 Nov 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://arqhist.exercito.pt/viewer?id=124701&FileID=1133080>>.

As nossas tropas em França



Sr. Agostinho de Sá Vieira, alferes de infantaria.



Sr. Luis Jose Ferreira, capitão de infantaria.



Sr. Manuel Jacinto Soares, tenente de artilharia.



Sr. Manoel Carneiro Marques Alves, alferes do grupo de ciclistas.



Sr. Silvino Saraiva, alferes d'uma bateria de morteiros ligeros.



Officiaes da 1.ª companhia de infantaria 10. Da esquerda para a direita, os srs.: Estives, comandante do 1.º pelotão; Martins, comandante do 2.º; Grilo, comandante da companhia, e Gomes, comandante do 3.º



Sr. Abel Duarte Teitelre d'Arco, alferes do 2.º B. 6.ª R. (infantaria 10).



Sr. Carlos Goncalves Coelho, alferes de infantaria.



Sr. José Antonio Cerqueira, capitão d'administração militar.



Alferes d'um batalhão de infantaria. Da esquerda para a direita, os srs.: Dentinho, Evaristo Augusto Roque e Matos Cordeiro.



Outro grupo de officiaes de infantaria. Da esquerda para a direita, os srs.: alferes Sousa Pinto, tenente-medico dr. Zeferino Baptista e o alferes Santos Carneiro.



Alferes d'um batalhão de infantaria. Da esquerda para a direita, os srs.: Dentinho, Evaristo Augusto Roque e Matos Cordeiro.



Oficiaes condecorados

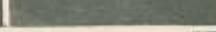
Os distintos officios, a quem a *Illustração Portuguesa* presta hoje justa homenagem, foram recentemente agraciados com a Cruz de Guer-



procionou, ha um que devemos particularmente escarrecer: o da possibilidade—ao contrario do que alguns pretendem



Capitão de infantaria sr. David José Magno



Capitão de artilharia sr. Anacleto Domingues dos Santos



Tenente de esquadaria sr. Herculano Amorim Ferreira

Tenente de infantaria 20, sr. Alcindo Augusto Lopes de Almeida



Tenente de artilharia sr. João Taborda Alves Pereira

ra de 2.ª classe, pela forma heroica e nobre como honraram no campo da batalha o nome da sua

afirmar—de se conseguir o levantamento moral do nosso povo, que os valorosos feitos dos nossos officios e soldados vem patentear, incontestavelmente,

Quando se preparava o C. E.



1. Alferes de infantaria 22, sr. Francisco José Destinho.—2. Alferes de infantaria, sr. Armindo Armindo Martins.—3. Alferes miliciano de infantaria 12, sr. Noracio d'Assis Goncalves.—4. Alferes de infantaria 15, sr. João Almeida da Silva.—5. Alferes miliciano do regimento de obuzes de campanha, sr. João Feijueiras.

P., não faltou quem, baseando-se n'um imaginario de finamento da raça portugueza, descrevesse o resultado benéfico de nesso esforço.

A esta falta de confiança nas qualidades do nosso exercito, responde-se com os actos de bravura que, desde então, já mais cessámos de registrar.

E assim, dos multos ensinamentos que a guerra nos

ter ainda capaz dos cometimentos d'out'ora.

E, em todos os que regressam da linha de fogo, reconhece-se que muito lhes aproveitou a experiencia e disciplina, podendo-se dizer que, com tão utilissimos elementos, teremos em breve uma reorganisação militar, em que o paiz poderá absolutamente confiar para a sua defeza.



Alferes miliciano de artilharia 2, sr. Adolfo Burnay Mendes Lual

Alferes de infantaria 15, sr. Agostinho Sá Vieira







REPÚBLICA PORTUGUESA



CRUZ DE GUERRA

O Ministro da Guerra

confere que, por Decreto de quatro de Junho de mil novecentos e dezasseis

O Presidente da República Portuguesa

confere no afeto miliciano do Regimento de Infantaria N.º 32, Francisco José Pentinho

Com a Cruz de Guerra de segunda classe
Secretaria da Guerra em 4 de Janeiro de 1917.

O Ministro da Guerra

Francisco de Sá Carneiro



9-IV-1918

Sossego em todo o campo. Apenas de quando, em quando o estalito seco de um «very-ligth». Os ouvidos estão atentos e todo o rumor, por mais insignificante que seja, nos obriga a prestar-lhe atenção. É porque aquela calma não é natural, mas sim pronuncio da tempestade que se avizinha.

Lembra-nos o espelhado do mar, sem a mais ligeira ondulação, momentos antes do temporal que se anuncia apenas por uma insignificante nuvem que se mostra lá longe. Ela vem caminhando lentamente, aumentando de volume e de cor. O que se nos afigurava ténue, como que a diluir-se, toma forma. Assim a noite de oito para nove de Abril de mil e novecentos e dezoito. Até às três horas da manhã, a paz campeou por sobre as forças que guarneciam as trincheiras, mas paz assustadora, paz que nos inquietava. Um nevoeiro densíssimo espalhava-se por todo o campo como se a natureza pretendesse amortilhar naquele véu espesso, os milhares de homens que se enfrentavam.

Subitamente, a tempestade desencadeia-se e uma chuva de metralha cai sobre os defensores das trincheiras. Estas, que em certas partes do sector, naquela altura, já não eram mais do que um montão de ruínas, são arrasadas, trituradas, removidas, como se charrua gigantesca laborasse aquele terreno para uma grande sementeira de cadáveres. O estrondear dos morteiros e granadas é ensurdecedor, o crepitar da metralhadora é irritante e o rebentamento cavo das granadas de gazes, abrigam-nos a pôr as máscaras. Quase se enlouquece no meio daquele inferno.

Ouvem-se gritos de dor. Moços cheios de vida expiram, sem um adeus. E o soldado agarra-se ao parapeito enquanto não chega o caco do morteiro, ou a bala que o há-de matar. É heróica aquela atitude. Os seus olhos perscrutam as trevas na “Terra de ninguém”, avidamente. A luz dos “very-lights” de nada serve, porque o nevoeiro a isso se opõe. E o soldado espera, baioneta armada, ou segurando a granada de mão que há-de esmigalhar o primeiro alemão que tente forçar aquela passagem que ele tão denodadamente defende.

A barragem é cerrada e hoje perguntamos a nós mesmos, como é possível sair-se com vida duma fornalha semelhante.

Só um factor: a sorte. O acaso nos mata e esse mesmo acaso faz com que vivamos. Quantos e quantos presenciaram o horroroso deste quadro, saindo ilesos!

Outros houve, porém, que na retaguarda, muito para traz, encontraram a morte num estilhaço de grande lançada a esmo. A sorte! Só ela nos favorece.

O soldado de Portugal foi aí o mesmo de sempre e atestou ao mundo inteiro que no seu corpo, corre ainda o sangue dos seus antepassados, aqueles que pelos seus feitos tornaram respeitada e engrandecida esta grande Pátria.

Honremos pois a memória daqueles dos nossos irmãos que nas lamas viscosas da Flandres e nas plagas tórridas da África, regaram com o seu sangue essas terras e juncaram esse solo com os seus restos mortais. Que esse sacrifício nos sirva de grande ensinamento, acabando com todas as lutas intestinas e amando-nos todos como filhos dignos desta terra portuguesa.

Artigo publicado no “Correio Olhanense” (12/04/1924) por Francisco Dentinho





Agradecimentos

Arquivo Histórico Militar

Arquivo Municipal de Olhão

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Colecção particular